



# “Lo Schiavo”

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

A representação desse melodrama lírico de Carlos Gomes na Temporada Lírica Oficial foi precedida por encenações no Teatro Leopoldina, de Porto Alegre, conforme amplos comentários críticos (e de bom gabarito) estampados no “Correio do Povo”, nas edições de 5, 9, 12 de agosto passado.

Em SP, a ópera subiu à cena do TM a 21, 23, 25, 27-IX.

O baixo AMIN FERES, com sua voz espessa, entubada, não convenceu no papel do fidalgo-donatário português Conde Rodrigo.

O tenor BENITO MARESCA, encarnando seu filho Américo, após desempenho incolor na famosa ária “Quando nasceste tu”, conseguiu melhorar consideravelmente. Mas isso aconteceu no IV ato. É um cantor de apreciáveis recursos, mas parecia afligido por problemas de saúde.

A indígena brasileira Ilara foi assumida pela soprano LEILA GUIMARÃES MARTINS, verdadeira revelação operática, dotada não somente de muita beleza física e vocal, como também a marca dum genuíno talento dramático. Ex-integrante da Associação de Canto Coral, foi convocada à undécima hora para substituir a soprano Orianna Santunione, no Municipal do Rio, a Desdemona do Otello tempestuoso e já memorável pela quebra de contrato... Deuse o triunfo da artista, agora repetido como Ilara. Seu futuro parece óbvio. Será uma grande “prima donna”. E que possa velejar a todo pano com os deuses do melodrama!

Da soprano-ligeira THEREZA GODOY dir-se-á que encarnou da mais linda forma física e vocal imaginável a Condessa de Boissy no II ato. Essa cantora já entusiasmará nossa platéia, ao personificar a Rainha de Shemaka, de “Le Coq d’Or”. Desnecessário profligar incoerências como esta: uma dama francesa, trajada ao estilo François I, embutida entre guerreiros portugueses e indígenas, escravos, capangas, capatazes, servos, etc. etc., no Brasil sub-tropical do séc. XVI. Certo é que Thereza Godoy cantou magnificamente, colocando um Mi Bemol na sobreaguda

pauta.

O barítono FERNANDO TEIXEIRA, com seus enormes e sazonados recursos vocais e dramáticos, compôs um Iberê classe A. É um senhor cantor, voz imponente, larga, sonora. Uma presença, um valor de primeira água. Nada mais fez do que confirmar seus predicados interpretativos.

O “supporting cast” não comprometeu.

“Lo Schiavo” assina participação de absoluta primeira plana ao coro; e o Coral Lírico, escrupulosamente preparado pelo maestro MARCELLO MECHETTI (por sinal omitido de maneira inexplicável do panfleto-programa), comportou-se de maneira ultra-elogiável. Nota zero ao “régisseur”, que não permitiu congratulações ao Coro no final da ópera.

O maestro DAVID MACHADO imprimiu fibra, segurança à Orquestra Sinfônica Municipal e ao Coral. Domina a partitura sob pulso de mestre. Se momentos houve em que as vozes submergiram no fluxo sinfônico, o gravame conservou-se em nível moderado. Pela primeira vez, a célebre “Alvorada” foi considerada e traduzida em seus termos exatos: interlúdio defluente do próprio contexto operático, e não como uma espécie de “Ersatz” de poema sinfônico.

Paulo Antonio, crítico do “Correio do Povo”, elogiou o gesto de suprimir “a ridícula parte coreográfica dos índios (artificiosa e banal)”. Impossível acompanhá-lo nesse esdrúxulo e absurdo pensar, cujo corolário lógico e óbvio seria a irresponsabilidade dos “maestri concertatori e direttori d’orchestra”: esta passagem aqui... ó pessoal, cortem do compasso 349 até dois compassos antes da letra R!... Bela moda! O bailado de “Lo Schiavo” pode ser o que for. Mas terá de ser respeitado, como, aliás, cada nota da partitura. Caso contrário, — o caos.

Nem a indumentária, nem a direção cênica, nem os cenários de GIANNI RATTO convenceram. O momento climático, a “Alvorada” soçobrou em termos de iluminação.